



NO BALANÇAR DAS FITAS COLORIDAS: FRAGMENTOS DE UM ETNO-ESTUDO DO TRAJE DA MARUJADA

In the swing of colored ribbons: fragments of an ethno-study of Marujada's costume

Ribeiro, Graziela; Mestre; Universidade Federal do Pará;
graziela_ribeiro@hotmail.com¹

Resumo:

O artigo reflete sobre a presença das fitas coloridas de cetim na composição visual da indumentária de trajes de festividades da cultura popular brasileira dando especial atenção à indumentária da Marujada de Bragança (PA). A partir disto é resgatado o uso das fitas como adorno em alguns períodos da história da moda.

Palavras chave: Marujada, Indumentária, Fitas

Abstract:

The article reflects about the presence of colored satin ribbons in the visual composition of the costumes of festivities of Brazilian popular culture with special attention to the dress of Marujada de Bragança (PA). From this it is rescued the use of ribbons as adornment in some periods of the fashion history.

Keywords: Marujada; costume; ribbons.

Introdução

O artigo tem como disparador de ideias a imagem força gerada pela presença das fitas coloridas de cetim na composição visual da indumentária de trajes de festividades brasileiras. Comumente as fitas aparecem na história da indumentária com a função de adorno ou mesmo como recurso para atar e unir partes de uma peça de roupa. Em determinados épocas, como por exemplo,

¹ Graduada em Letras e Moda, possui formação técnica em figurino.

Professora, figurinista e pesquisadora. Mestre e Doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.



nos períodos Barroco, Rococó e *Belle Époque* estiveram em voga simbolizando decorativismo, refinamento e alto status social.

A partir da colonização do Brasil, as fitas são incorporadas à indumentária local e se estabelecem também como uma estética recorrente nos trajes de festividades da cultura popular brasileira que passam a se configurar em várias regiões do país tais como: Congadas, reisados, maracatu, dança da fita, folia de reis, sairé, marambiré, boi bumbá e a marujada bragantina.

Com base nesta discussão, o trabalho trata da simbologia das fitas coloridas na indumentária da Marujada de Bragança (PA) em principal como adorno do chapéu utilizado pelos membros participantes da festividade. A pesquisa é um fragmento do trabalho de doutorado intitulado “Trajes da Cena Popular Amazônica: Recortes sobre o vestir no Culto a São Benedito de Bragança (PA)”, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

Embora as informações do artigo se baseiem em levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e entrevistas realizadas em dezembro de 2017 na cidade de Bragança (PA), não é prioridade encontrar definições de fontes históricas com datas precisas e nem documentos que expliquem origens e simbolismos de forma fechada em relação a utilização das fitas. Para tal feito o texto inicia resgatando a história das fitas de tecido e como elas se fizeram presentes na história da moda. Como foram trazidas para o Brasil e assim incorporadas nas práticas folclóricas brasileiras, adentrando assim no imaginário da cultura popular.

Simbologia das quatorze fitas da Marujada

Bate o vento a beira do rio Caeté, veia d’água amazônica que banha a cidade de Bragança (PA) e balança o chapéu emplumado da Maruja. As fitas

2



coloridas se contorcem num vai e vem frenético, que se intensifica quando ela dança a roda, o retumbão, o chorado, o xote, a valsa e a mazurka.

“A Maruja”, ou “as marujas”, são mulheres que pela fé em São Benedito se paramentam com trajes especiais para festejá-lo na bicentenária “Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança”, por vezes também chamada de “Marujada bragantina” que acontece anualmente no período de 18 a 26 de dezembro. De pés descalços elas caminham com suas longas saias azuis ou vermelhas, bata branca, balangandãs no pescoço e nos braços. Assim seguem perfumadas, maquiadas pela cidade em cortejo, e as fitas, costuradas em seus chapéus, vistosas, aguçam a curiosidade de quem as contempla.

No mito de origem do culto a São Benedito em Bragança consta que tudo se deu a partir da iniciativa de quatorze africanos escravizados que viviam nas fazendas daquela região e que, em 1798, os mesmos pediram autorização aos seus senhores para fundarem uma irmandade em louvor ao santo e construírem uma igreja. Em agradecimento, os mesmos dançaram pela cidade, fato que anualmente passou a se repetir e reviver tal momento tão importante para aquela comunidade.

Silva (1959, p. 58) menciona em sua obra *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina* que os nomes das quatorze pessoas que assinaram, em 3 de setembro de 1798, o primeiro compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB) foram: Pedro Amorim, Simiam da Costa, Pedro Rodrigues, Luciano de Amorim, Francisco Pereira, Francisco Ferreira, Matheus Ferreira, José Manuel, Xavier Felipe, Barnabé Pinto, Domingos Ribeiro, Antônio da Cunha, João Divino e Calisto da Costa.

Figura 1: Chapéu de fitas da Marujada bragantina, 2017.



Fonte: Acervo da autora.

Embora a história do culto nestes duzentos e vinte anos tenha tido momentos bastante delicados, a partir da tensão da igreja católica oficial em relação a um culto criado e cultivado por leigos o que ocasionou a criação de outros compromissos e estatutos, estes quatorze nomes ainda são lembrados pelos fazedores da festa atual, estes simbolicamente estão representados pelas quatorze fitas coloridas que compõe o chapéu das Marujas bragantinas. No centro do chapéu, a fita negra homenageia e relembra a origem do culto, iniciado pelos negros daquela região. Conforme vemos na letra da canção do músico bragantino Toni Soares

Não há beleza igual ao chapéu
Com penas brancas e quatorze fitas
Os pés descalços e olhando pro céu
Maruja linda de São Benedito (SOARES, 2014)

Em outros trabalhos da autora os paramentos especiais usados pelos devotos e promesseiros são melhor detalhados, tanto de Marujas quanto de Marujos, no entanto como este artigo trata de um fragmento de pensamento extraído de um texto maior, o mesmo objetiva discutir com um olhar mais poético sobre a presença das fitas.

Tiras e fitas na história vestuário



Como definição a fita pode ser considerada uma “Banda comprida e estreita, tecida em qualquer material, que se apresenta em cores lisas e estampadas em vários motivos, como os florais; serve para adorno e fechamento” (Cattelani, 2003, p. 463). Na história da humanidade podemos perceber que ela foi incorporada aos trajes como elementos de composição do corpo humano ora como adorno, ora com a função utilitária de unir partes. Verificamos também sua derivação conhecida por *fillet*, que trata-se de um

filho ou fita de qualquer material, usado por homens e mulheres desde a Antiguidade em volta da cabeça, do *cap*, dos cabelos ou em diferentes posições em chapéus. O homem primitivo foi o primeiro a usá-lo. Ao longo da moda recebeu diferentes nomes como *vitta* na Roma Antiga. (Cattelani, 2003, p. 106)

Conforme observa-se na citação a cima, a prática de usar estas tiras de tecido são bastante antigas, não se sabendo ao certo quando elas começaram a ser produzidas. Na indumentária ocidental dos povos greco-romanos já se observava sua utilização tanto em amarrações nas roupas, quanto como elementos de composição dos penteados femininos. Conforme observamos na imagem a seguir

Figura 2 – Penteado grego com fita



Fonte: Ancient Greece hair dressing - greek sculpture / vintage illustration from Meyers Konversations-Lexikon 1897. **Acesso em** 05/08/2018.

Durante séculos, as fitas também foram essenciais para atar partes de roupas, antes da existência de zíperes ou como alternativa aos botões. As mesmas se faziam presentes em amarrações de espartilhos e *corsets* femininos, como por exemplo, nos períodos Barroco, Rococó e *Belle Époque* estiveram em voga simbolizando decorativismo, refinamento e alto status social.

Figura 3 – Madame de Pompadour, de François Boucher, 1759.



Fonte: LAVER, 1989, p. 126

Os casos acima são alguns exemplos que podemos conferir em relação ao uso de tal elemento na história da indumentária e da moda ocidental, porém, não é o objetivo deste artigo enumerar com precisão todos os momentos em que ele tenha sido importante e nem tampouco as formas de utilização, até porque este tipo de levantamento seria muito mais extenso para o espaço de um artigo. Portanto, nos próximos tópicos inicia-se a reflexão principal que sim é o objetivo do artigo: como as fitas se incorporaram na cultura popular brasileira.



As fitas na cultura popular brasileira

Não convém retomar aqui datas precisas, mas é sabido que o início das relações entre Portugal e Brasil se deu mais diretamente a partir do ano de 1500. No período colonial brasileiro se inicia o trânsito de produtos, pessoas e cultura entre as duas nações. Vieram os exploradores, a Igreja católica, os jesuítas, os escravos e também as fitas. Del Priore (2016) coloca em sua obra *Histórias da gente brasileira: Volume 1* que:

Dois prussianos em visita ao Rio de Janeiro, em 1819, fizeram questão de anotar que as mulheres de elite possuíam amplos guarda-roupas de linho e sedas de toda classe, “guarnecidos de outros enfeites”. Para atender a essa demanda de consumo, os armarinheiros de luxo enchiam as ruas cariocas. Capelistas vendiam fitas largas ou estreitas, lisas ou lavradas, na sua maior parte de seda, mas também de veludo; galões de ouro e de prata, guarnições bordadas, franjas e rendas de várias qualidades (linho, linha, filó, seda), inclusive de fio de ouro para “véu de ombros”, tiras bordadas para “coleiras”, entremeios, cordões de seda, bordaduras de ouro e tudo o mais o que servisse para ornar as mulheres. (PRIORE, 2016, p. 303)

Dentre as utilizações da fita de cetim no Brasil, além de desempenhar as mesmas funções de outrora, como adorno ou forma de atar partes, houve também uma apropriação das mesmas enquanto um forte elemento comunicacional dentro das festividades populares, como exemplo temos a dança da fita, também chamada de pau de fita e que, segundo Cascudo (2012, p. 540) foi uma prática trazida por

“Portugueses e espanhóis trouxeram o folgado para o continente americano”. Esta tradição ibérica se incorporou muito fortemente na região sul do Brasil, embora tenha sido observada no norte com o nome de Ching Ching destacada por Armando Bordallo da Silva em sua obra *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*.

Durante o período colonial, sabemos que houve a vinda de missões religiosas para se firmar o catolicismo como religião oficial do país. A chegada dos povos

africanos escravizados e as influências indígenas contribuíram para o que conhecemos por sincretismo religioso, que, muitas vezes se mostra a partir de um catolicismo popular peculiar. Considerando esta realidade surgiram irmandades religiosas, festas de santo e outras práticas específicas de uma religiosidade característica do Brasil. Com estética recorrente destes dias especiais, temos a presença das fitas em chapéus, bastões, adereços e outros objetos, comuns em congadas, reisados, maracatu, folia de reis, sairé, marambiré, boi bumbá e a marujada bragantina. Para comprovar tal fato, talvez seja mais forte argumentar por meio da montagem abaixo feita com imagens das festividades citadas do que propriamente explicando com palavras a história e o funcionamento de cada uma delas.

Figura 4 – Montagem com fotos de congada, residao, maracatu, folia de reis, sairé, marambiré e boi bumbá



Fonte: Sites Geledés, Nova raiz, Visite o brasil, Info Escola, Iphan, Holofote virtual e Toda matéria. Acessados em 05/08/2018.



Um fator em comum que deve ser mencionado acerca das festividades acima citadas é que elas possuem em sua origem traços da africanidade que se fez presente no Brasil colonial. Não há dúvidas que a estética das fitas de cetim coloridas nos adornos das indumentárias de festividades da cultura popular brasileira se faz presente de forma recorrente como uma referência à cultura ibérica luso-espanhola, até porque a presença da cultura negra nestes países, Principalmente em Portugal, já se configurava antes de chegar ao Brasil. A fita de cetim contribui para uma visualidade carnalizada observada nas mesmas, o que faz com que pensemos que o brilho do cetim em conjunto com as roupas brilhosas ou demais elementos brilhosos resgatem uma estética de luxo, comum ao que ainda se pensa na atualidade como “roupa de festa”. No entanto, é preciso tentar compreender melhor de que forma as religiosidades de matriz africana também contribuem para esta estética.

Considerações Finais

Sabemos que o negro africano que chegou ao Brasil para ser escravizado, acabou tendo que agregar em suas crenças elementos do catolicismo. No caso da Marujada bragantina ao se analisar a descrição do conjunto da indumentária feminina tanto por meio de forma escrita em verso e prosa, quanto por meio de imagem, percebemos uma estética que se assemelha a figura da baiana. Embora a herança africana se mostre de forma velada pelos participantes do culto ao santo, a forma plástica do traje converge com a imagem das mães de santo.

Na maioria das vezes as características de tais influências são abordadas em outros elementos em análise, como as danças, o batuque e até mesmo alguns rituais como os almoços e o leilão do santo, com ênfase na relação dos juizes da festa com os senhores de escravos de outrora.



Há uma possibilidade de que tais informações tenham sido paulatinamente se distanciando ao longo da história do culto, em principal aqueles momentos em que a tensão com a Igreja Católica tenha apagado da memória coletiva uma influencia mais direta dos cultos afro-religiosos que possivelmente poderiam ser identificados. Partindo desta idéia, seria plausível pensar que em outras festas a simbologia presente na cultura africana também pode ter se perdido na história.

Portanto, é necessário um maior entendimento em relação aos sentidos que a simbologia destes objetos possam vir a representar para os povos africanos que adentraram o Brasil por meio do processo de escravidão para entender mais profundamente o real significado destas fitas em suas indumentárias festivas. Uma pesquisa mais profunda pode amarrar (com fitas coloridas de preferência) estes retalhos que construíram a alma da brasilidade nas nossas festas.

Referências

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade moderna.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASCUDO, L. DA C., 2012. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Melhoramentos.

CATTELANI, Regina Maria. **Moda Ilustrada de A a Z.** – Barueru, SP: Manole, 2003.

LAVIER, James. **A roupa e a moda. Uma história concisa.** – São Paulo: Companhia das letras, 1989.

PRIORE, Mary Del. **Histórias da gente brasileira: Volume 1 (Colônia)** – Rio de Janeiro: LeYa, 2016.



ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté: Folclore, História, Etnografia e Jornalismo na Cultura Amazônica da Marujada , Zona Bragantina, Pará.** Belém: CEJUP, 2000.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos/Vicente Salles.** Belém: Paka-Tatu, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira.** – São Paulo: Selo Negro, 2015.

SILVA, Armando Bordallo da. **Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina.** Belém: Falangola, 1981.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os Tambores da Esperança: um Estudo Antropológico sobre a Construção da Identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.** Belém:Falangola, 1997.

Site Geledés. Link: www.geledes.org.br. Acesso em: 05/08/2018.

Site Nova raiz. Link: <http://raiz.art.br>. Acesso em: 05/08/2018.

Site Visite o brasil. Link: www.visiteobrasil.com.br. Acesso em: 05/08/2018.

Site Info Escola. Link: www.infoescola.com. Acesso em: 05/08/2018.

Site do Iphan: Link: <http://portal.iphan.gov.br> . Acesso em: 05/08/2018.

Site Holofote virtual. Link: <http://holofotevirtual.blogspot.com>. Acesso em: 05/08/2018.

Site Toda matéria. Link: www.todamateria.com.br. Acesso em: 05/08/2018.

SOARES, Toni. **CD MARUJADA.** Rede Cultura de Comunicação – Pará, 2014.

VIANA, F. ; BASSI, C., 2014. **Traje de Cena,Traje de Folgado.** São Paulo: Estação das Letras e Cores.



VIANA, F.; PEREIRA, D. R., 2015. **Figurino e Cenografia para iniciantes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial** – São Paulo: Ed.34, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **Rei do Congo. A mentira histórica que virou folclore** – São Paulo: Ed.34, 2016.